

ANO XIV

N.º 60

Distribuição gratuita

SETEMBRO / DEZEMBRO 2017

**EDITORIAL****Caros camaradas,
caros amigos
e caros companheiros:**

Este Editorial de fim de ano, deveria ser mais um balanço ou melhor uma retrospectiva de mais um ano de uma actividade já de si muito exigente e de trabalho assaz intenso para tão poucos aqueles que estão à frente da Direcção.

Contudo, nas redes sociais (RS), os “papagaios” do costume tiveram o seu “espaço” para nos criticarem, utilizando o sarcasmo, a calúnia, a inveja e a ingratidão, mas francamente já nos vamos habituando a esta realidade e conhecendo melhor aqueles que só falam, mas nada fazem.

Desculpem este desabafo, mas os tais “diz que disse” das RS, acabam por nos ajudar, ao fim e ao cabo, a desmascarar alguns “iluminados”, cuja intriga ou maledicência os estimula a passar insanamente melhor o seu tempo, enquanto nós, por cá, vamos prosseguindo com o nosso obstinado trabalho, contribuindo para uma sociedade mais actuante, mais justa e solidária.

Conhecedores, nós, de um velho e sábio provérbio árabe (Os cães ladram e a caravana passa), iremos, sem qualquer desânimo, avançar.

Assim sendo, vamos-nos então agora debruçar sobre o
(Continua na pág. 3)

MARCAS DO FIM*Américo Laranjeira (ex-Fuzileiro)*

Como temos sempre encontro com a história, confesso que ando desde há algum tempo a reflectir sobre algumas ideias respeitantes a alguns Ex-combatentes do Ultramar, que por aqui e por ali vão publicando as suas crónicas, diga-se distorcidas, sobre a guerra que os portugueses travaram em África, tendo os mesmos como regra ou “pano de fundo” irritar todos os que foram combatentes de facto, que cheiraram bem de perto os seus adversários guerrilheiros, que lhes deram combate e os venceram em quase todas as situações, enquanto que, alguns desses convertidos agora em grandes democratas, se passeavam, à data, com grande deslumbramento pelas vilas e cidades dos “espaços floridos da Babilónia”, frequentando cinemas, tascas e cafés, bebendo umas cervejolas, e já com a guerra praticamente terminada devido a que a maioria das unidades militares estavam quase inertes, lá iam dizendo e continuam

(Continua na pág. 3)*Desembarque de Fuzileiros***XXIV CONVÍVIO • LABRUGE • 19 DE MAIO / 2018****(No próximo número do nosso Aerograma, daremos informação pormenorizada do programa)**

A nossa Assembleia-Geral

Realizou-se mais uma Assembleia-Geral Ordinária, no dia 25 de Novembro, com a Ordem de Trabalho constituída por três pontos a discussão.

1.º Ponto – Esclarecimento acerca da situação actual dos ex-combatentes.

2.º Ponto – Apresentação do Programa de Acção para o exercício de 2018.

3.º Ponto – Trinta minutos para apresentação de questões à Mesa.

A ausência do nosso Presidente da Assembleia-Geral, Hélder Almeida, foi bem notada. Questões de saúde da sua Esposa o impediram, de todo, de estar presente neste importante acto. Em sua substituição tivemos a presença do 2.º Secretário da AG, Manuel Loureiro, que fez as honras da casa, presidindo com muita serenidade, demonstrando capacidade e conhecimento de e para tão difícil cargo. Parabéns pelo seu desempenho.

Foi, mais uma vez, uma Assembleia extremamente participada, com o devido quórum, como mandam os Estatutos, e onde foram abordados diversos assuntos de real interesse para a Associação.

AEROGRAMA

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE: A.S.C.V.C.U.

SEDE:

Praça Luís de Camões, 31-3.º Dto.

4480-719 VILA DO CONDE

Telef. 252 632 894 – Fax. 252 641 023

E-mail: avecombatentesu@hotmail.com

Blog: ex-combatentesdeviladoconde.blogspot.com

Facebook: www.facebook.com/combatentesdoultramar/

Composição dos Órgãos da Associação

ASSEMBLEIA-GERAL:

Presidente: Hélder Figueiredo Almeida

1.º Secretário: António dos Santos Ramos

2.º Secretário: Manuel da Silva Loureiro

DIRECÇÃO:

Presidente: Manuel Nascimento Costa Azevedo

Vice-Presidente: Diamantino Marques da Costa

Secretário: José Conceição Guedes Leonor

Tesoureiro: Carlos Alberto de Oliveira e Silva

Vogal: António das Eiras Fonseca

CONSELHO FISCAL:

Presidente: Carlos Gonçalves Carneiro

1.º Vogal: Manuel da Costa Azevedo

Tiragem: 1.500 exemplares

Os artigos publicados no «Aerograma» são da inteira responsabilidade dos seus autores



Feliz Aniversário



Manuel Guimarães Silva

Nasc. 05-09-1949

VILAR DO PINHEIRO

Sócio n.º 1604



Manuel da Costa Ramos

Nasc. 18-12-1946

ÁRVORE

Sócio n.º 818



António Gonçalves dos Santos

Nasc. 13-10-1946

AZURARA

Sócio n.º 5



António Joaquim Assis Costa

Nasc. 15-12-1946

LAVRA - MATOSINHOS

Sócio n.º 1539



Manuel Ferreira da Costa

Nasc. 10-11-1943

VILAR DO PINHEIRO

Sócio n.º 1455



José Domingues Moreira (Padre)

Nasc. 17-12-1946

LABRUGE

Sócio n.º 1508



António Eiras Fonseca

Nasc. 11-11-1946

VILA DO CONDE

Sócio n.º 435



António Soares de Pinho

Nasc. 22-12-1950

VILAR DO PINHEIRO

Sócio n.º 1473



António Fernandes P. Azevedo

Nasc. 15-12-1952

VILA DO CONDE

Sócio n.º 290



Lúcio Moreira de Azevedo

Nasc. 25-12-1950

VILAR DO PINHEIRO

Sócio n.º 1483



Joaquim da Silva Amorim

Nasc. 20-11-1947

VILAR DO PINHEIRO

Sócio n.º 518



Fernando Pereira S. Silva

Nasc. 30-12-1946

FORNELO

Sócio n.º 1378



Américo Moreira de Azevedo

Nasc. 21-11-1946

MOREIRA - MAIA

Sócio n.º 1582



A Associação dos Ex-combatentes de Vila do Conde deseja as maiores Felicidades aos aniversariantes.

Os associados que desejarem que o seu aniversário seja publicado no nosso «Aerograma», devem dirigir-se à sede da Associação para pedir/autorizar a sua publicação.

PAGAMENTO DE QUOTAS

Pede-se a todos os associados que actualizem as suas quotas, as quais podem ser pagas directamente na sede da Associação, por CTT ou transferência bancária, para o IBAN: PT50 0018 0003 18193649020 60 – BANCO SANTANDER TOTTA.

Por favor identifique-se na transferência, colocando o seu número de sócio ou enviando por e-mail o comprovativo da mesma.

Medalha Comemorativa das Campanhas

Aos que ainda não possuem a MEDALHA e estejam nela interessados, informamos que devem dirigir-se aos nossos serviços, onde prestaremos os esclarecimentos necessários acerca das diligências a tomar, tendo em vista o preenchimento do requerimento a enviar ao MDN, para a sua concessão.



EDITORIAL

(Continuação da pág. 1)

nosso Plano de Actividades para o ano de 2018, que é o que nos verdadeiramente motiva, onde constam 16 pontos, sendo os mais relevantes as cerimónias do 25 de Abril, o nosso Convívio Anual, as comemorações do 10 de Junho, as Exposições Fotográficas, a Gala de Fados, o nosso Passeio Anual e, naturalmente, a nossa presença em reuniões da Federação Portuguesa das Associações de Combatentes (FEPAC) e Ministério de Defesa Nacional, ou onde julgarem que a nossa contribuição possa ser útil.

Evidentemente que parte do planeamento para o ano de 2018 já está em curso e que queremos que, à semelhança do anterior, seja escrupulosamente cumprido e com a marca de qualidade e responsabilidade que sempre exigimos. A par da nossa actividade, bem gostaríamos de ver presentes nas nossas cerimónias os que comungam dos nossos ideais, participando com o seu apoio nas nossas lutas, fazendo-nos sentir que esta Associação é de todos os combatentes, sejam eles de Angola, Guiné, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor ou Estado da Índia, para, desta maneira, melhor e com toda a dignidade que merecem, homenagear os nossos companheiros mortos, respeitando assim a sua memória e nos tornarmos, ao mesmo tempo, dignos de termos um dia ou época honrado o nosso País.

Muitos de nós se interrogam: por onde andam todos os que ansiosamente ou desesperadamente esperavam pela Revolução de Abril, e que depois se manifestaram com um verdadeiro e sentido grito pela liberdade?

Refiro-me principalmente aos familiares daqueles que constam na placa com os 42 nomes, do Monumento, que deram a vida pela Pátria, não deixando de referir, de maneira alguma, os Combatentes do Ultramar sobreviventes, mais os vilacondenses em geral!

Que são feitos dos valores da Escola Militar que nos transmitiram o sentimento de unidade, espírito de corpo, coesão, esforço, sacrifício e respeito pelas Forças Armadas?

Independentemente de tudo o que passámos de bom ou de mau, ter marcado a nossa sacrificada geração, não vejo esses “tais heróis maldizentes” presentes, numa atitude pedagógica e de apoio aos que continuam em não fazer esquecer o nosso contributo em prol da Nação, fazendo também sentir ao Estado Português o que tudo demos por ELA, e que, afinal, o que recebemos em troca foi uma mão cheia de nada.

Aos detractores da nossa luta, nunca nos esqueceremos de lembrar o que é uma autêntica ingratidão e vil desprezo! Porque? Porque “eles” sabem que a melhor forma de nos controlar é dividir-nos. E, efectiva e infelizmente, é o que está a acontecer!

Na última Assembleia-Geral, mais uma vez, dei conhecimento da minha indisponibilidade para continuar, porque me sinto cansado por razões profissionais, não pelo trabalho que desenvolvo dentro da Associação, pois até estou reunido de camaradas que se identificam cabalmente com o projecto já traçado.

Para todos, um Santo e Feliz Natal e um Novo Ano muito Próspero.

O Presidente, M. Nascimento Azevedo

MARCAS DO FIM

(Continuação da pág. 1)

a dizer umas graçolas, que não foram para África para matar pretos. Pois não! Lá isso é verdade (!), e pela ladainha que apresentam, parece mesmo que não tinham competência militar para o fazer, nem coragem, vocação e determinação para enfrentar a perigosidade daquela guerra e defender Portugal.

Não é verdade que alguém queira de volta aquela “praia de ondas perdidas cheias de saudosismos” ou ser apologista da guerra como acusam os detractores “revoluções” radicais. Nada disso! Os ex-combatentes dignos desse nome, foram os que lutaram e hoje, só pretendem que lhes reponham a sua dignidade e que não os confundam maliciosamente com o regime de Salazar e Caetano, como tantas vezes abusivamente o têm feito, fazendo entender que o conceito de Pátria deles não é o mesmo da grande maioria que a viveu e a serviu ao longo de toda a sua juventude. Dá até para perceber que existe duas; uma boa e outra má, mas não! Só há uma que é a de todos os portugueses, principalmente dos que, em pensamento, sempre se curvaram perante Vasco da Gama e Camões, que nunca os esqueceram e os renegaram com atitudes hostis pelos seus feitos em África desrespeitando-os ingratamente, como se fossem os verdadeiros colonialistas.

A Pátria, não foi nem é mera retórica política. Foi e é tão-somente de quem a sentiu nesses tempos, quem a honrou, amou, dignificou, lutou, a sentiu e a sente e dos que deram a sua vida por Ela, em particular os que hoje, ainda lambem as feridas do sol tórrido de África.

Defender a democracia não é só andar de cravo ao peito anualmente e levantar a voz como se o país fosse uma coutada de uns tantos. Não! Defender a democracia é saber respeitar as ideias e opiniões dos outros, principalmente os que combateram, tanto lá como cá pela liberdade, como fizeram os anónimos brilhantes e competentes militares portugueses dessa geração, chegados da guerra de África, que alguns “poetas e trovadores” não a chegaram a ver.



GRÁFICA DE MALTA

Pereira & Alheiros, Lda.

- TIPOGRAFIA
- FOTOCOMPOSIÇÃO
- ENCADERNAÇÃO
- CARIMBOS
- CONVITES, ETC.

Rua Aldeia Nova, 5 – Souto d'Aires – 4485-436 MALTA – Vila do Conde
 Telef. 229 280 070 – Fax 229 280 070 – E-mail: graficademalta@sapo.pt



ALBINO GUIMARÃES DA SILVA, LDA.

Albino Guimarães

- Metalomecânica
- Engrenagens

Estrada Nacional 13, n.º 822
 4485-762 VILAR – Vila do Conde
 Telef. 229 271 559 - 229 272 448 – Fax 229 272 423
 E-mail: geral@ags-lda.com.pt

Natal de 1961 e Passagem de Ano de 1961 para 1962

José Alberto Almeida Miranda



Algures em Moçambique, estávamos próximo da quadra natalícia e como a maioria dos militares que faziam parte da C.C. 173, incluindo o autor destas linhas, era a primeira vez que passávamos estas festas longe dos nossos familiares. Por isso, a tristeza e as saudades eram maiores. No entanto, para minorar estes males estávamos a organizar uma festa com a colaboração de padres missionários italianos que faziam parte da Missão de São João Baptista, sediada próximo de onde estávamos aquartelados.

Porém, as coisas nem sempre correm conforme se quer ou estão planeadas.

Acontece que dias antes desse natal, se deu a invasão da chamada Índia Portuguesa.

Por esse motivo, calhou à minha secção ter de se deslocar para um posto fronteiriço com a República do Malawi, que ficava a cerca de 100 Kms donde estávamos.

Se já custava passar o Natal sem os familiares, pior ficou ficarmos longe da maioria dos companheiros e não participarmos nas festas programadas.

Mas como era uso dizer-se: “serviço é serviço”, lá tivemos que avançar para o referido lugar, precisa-

mente na manhã da véspera de Natal (24/12/1961).

Começámos a viagem “às cegas”, não havia mapas, não havia rádio, nem bússolas para orientarmos qual o caminho para chegarmos ao nosso destino.

De vez em quando, perguntávamos aos nativos onde ficava o referido lugar, mas as informações que nos davam, eram escassas e contraditórias.

Algumas vezes, tínhamos que mudar de rumo, seguir mais à frente ou virar pata trás.

Mas com “arranca e pára”, finalmente, ao fim da tarde, lá chegámos ao local que nos estava destinado.

Ficámos instalados no posto da Guarda Fiscal, cujo guarda não estava presente, porque tinha ido passar as festas a casa de amigos, mas a chave estava na posse de um ajudante do posto.

Como era véspera de Natal, lá tratámos de preparar a nossa ceia. Éramos 13 militares e todos metemos “mãos à obra”. Não nos faltou nada. Tivemos uma ceia com todas as iguarias e todos os pormenores referentes à época natalícia.

Há que dizer que naquele local nem pensar em luz eléctrica. A ceia foi servida à luz de candeeiros de petróleo e nem faltaram mosquitos a acompanhar.

Esta noite foi espectacular; uns choravam, outros riam, mas ninguém dormiu e assim vimos chegar o dia de Natal.

Pena foi que não tivéssemos prendas para trocar, mas a amizade entre estes 13 militares ficou muito mais fortalecida.

Infelizmente dos 13, alguns já não são vivos, mas os que restam e quando nos juntamos, este Natal de 1961 faz sempre parte das nossas conversas.

O dia de Natal serviu para contactarmos com a população indígena local, que mostraram alegria com a nossa presença e

para esses, sim, houve algumas ofertas, que levávamos para esse efeito, incluindo medicamentos.

Também tivemos um salutar almoço de Natal, onde nem o peru faltou, muito bem cozinhado por um companheiro que não tendo a especialidade de cozinheiro, era bom na cozinha.

Depois de uma tarde bem passada, chegámos ao fim do dia e lá demos por terminado o nosso Natal.

O tempo decorria com monotonia, mas depois de uma semana, tivemos a passagem de ano e nessa festa convivemos com alguma população nativa, onde se fez notar a alegria de confraternizarmos todos juntos e onde nem faltou o batuque.

Depois destas festas, voltámos à mesma monotonia e a tristeza invadiá-nos cada vez mais.

A ânsia de regressarmos ao aquartelamento era enorme. Estávamos num lugar ermo, isolado de tudo e de todos.

Não havia qualquer divertimento, nem uma bola de futebol, a não ser jogar às cartas, mas até isso nos aborrecia.

Finalmente e quase passado um mês, lá veio a ordem para regressarmos e foi com muita alegria que voltámos a estar juntos com todos os companheiros.

Depois de estarmos instalados no nosso lugar, cada um de nós que estivemos deslocados, fizemos a mesma pergunta: o que estivemos nós lá a fazer? Não achámos resposta. Ou então dizíamos: Nada!

E assim passámos o Natal de 1961 e passagem para 1962. Resta acrescentar que estávamos na Zambézia, cuja capital era ou ainda é a cidade de Quelimane.

O nosso quartel ficava na vila de Morrumbala e o local onde passámos o Natal de 1961 chama-se Chirome. O rio que aí passa é afluente do Zambeze e tem o nome de Chire e faz fronteira entre Moçambique e a República do Malawi.



**HORÁRIO
DE ABERTURA
DA SEDE**

**Quartas, Sextas
e Sábados
das 15 às 18 horas**

Histórias avulso

João Manuel Pereira Rebola

Chegada ao Cacheu

A 28 de Janeiro de 69, a CCAç. 2444 rumou numa LDM para o Cacheu para tomar parte do CAOP, que teve início em 6 de Fevereiro.

Poder-se-á dizer que o nosso moral era baixo, pois se vínhamos de sítio mau, este não era melhor, embora ainda houvesse disposição para um pouco de entretenimento na LDG.

No Cacheu, reencontrámos a CCAç. 2446, companhia madeirense, que viajava connosco desde o Funchal até Bis-sau. Fomos ocupar os abrigos do quartel novo, construído pela CCAç. 1681. Este possuía bons abrigos que nos davam segurança em caso de ataque.

No entanto, a zona era extremamente perigosa e as ordens que havia quando nos deslocávamos para junto do rio, principalmente à noite, era irmos armados, pois a população essencialmente manjaca era um pouco hostil à nossa presença, tanto que durante dias, lá vinha das tabancas uma rajada que passava pela copa das mangueiras, debaixo das quais tomávamos as refeições. Escusado será dizer que, nas primeiras vezes, pratos,

talheres e comp^a. voaram e lá se ia a comida..

Até que chegou o fatídico 6 de Fevereiro: emboscada em Capó que ditou a morte de 3 companheiros e feriu gravemente mais 3; a CCAç. 2446 teve um morto e nove feridos. Recorde-se que nesse dia, o rio Corubal engolia quase meia centena de combatentes.

Durante cerca de dois meses percorremos parte de caboiana/cobiana, com flagelações pelo IN havendo apenas feridos. O nosso maior problema era a falta de água e quando a determinada altura encontrámos um poço, não nos pudemos reabastecer, pois o cheiro que de lá saía era nauseabundo. Valeu-nos o destacamento do Bachil, onde nos dessedentámos, para depois caminhar-mos para Teixeira Pinto, descansando aí algumas horas e partir para o Cacheu, embora com a promessa de irmos de LDG! Mas nada disso aconteceu. Mais dia e meio por matas e bolanhas e afluentes do rio Cacheu. Nesse dia, pernoitámos numa bolanha, sentados nos regos, pois fazia-se noite e os soldados negaram-se a continuar, já tão cansados que estavam. E assim aconteceu! No dia seguinte, ao raiar do dia, continuámos em direcção do Cacheu, mas antes tivemos que atravessar um seu afluente, agarrados à corda que fora levada para a outra margem, onde não faltava lama, muita lama, que nos obrigou a um esforço hercúleo.

Assim, ao cair da noite, começámos a avistar as luzes do aquartelamento e todos nós, ainda incrédulos, nos questionámos: “Será já o Cacheu”?

Sim, Cacheu, finalmente!



PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTOS

Gracinda da Conceição Moreira Lopes

Faleceu, no passado dia 20/10/2017, com 66 anos de idade, a Sr.^a D. Gracinda da Conceição Moreira Lopes, esposa do nosso Director Sr. José da Conceição Guedes Leonor, que residia em Vilar do Pinheiro.

Os Órgãos Sociais desta Associação apresentam à família e amigos mais chegados, as mais sentidas condolências.



Fernando Silva Brito

Faleceu, no passado dia 04/09/2017, com 72 anos de idade, o Sr. Fernando Silva Brito, sócio n.º 1486 desta instituição, que residia em Guilhabreu.

Os Órgãos Sociais desta Associação apresentam à família e amigos mais chegados, os mais sentidos pêsames.



Ezequiel Vieira Barbosa

Faleceu, no passado dia 16/11/2017, com 73 anos de idade, o Sr. Ezequiel Vieira Barbosa, sócio n.º 1601 desta instituição, que residia em Arcos.

Os Órgãos Sociais desta Associação apresentam à família e amigos mais chegados, os mais sentidos pêsames.



Aquele Minuto!

José Teixeira

... Saí de manhã até à Bolanha de Beafada (bolanha dos passarinhos), a montar segurança à coluna que ia para Aldeia Formosa. Tinha como missão assistir "os Picadores" que iam à frente a tentar detectar as possíveis minas que o IN costuma colocar. Deixei a bolsa de enfermeiro na 1.^a viatura e seguia atrás dela. Como havia muitas poças de água, instalei-me ao lado do condutor. Em determinado momento tive um pressentimento e saltei da viatura seguindo à sua frente. Não andei 50 metros e senti um rebentamento, fui projectado pela deslocação do ar e senti algo a cair em cima de mim. Deduzindo que eram estilhaços – pensei – desta não escapo...

(Do meu diário 31 de Julho de 1969)

Ainda o sol se escondia para lá da floresta, naquela manhã de 31 de Julho de 1969, já a coluna de mantimentos partia de Buba para Aldeia Formosa. Coube-me a missão de acompanhar



Aldeia Formosa 1968 – Cemitério de viaturas destruídas – na primeira da foto foram-se duas vidas.

o Grupo de combate que, na frente, fazia a picagem do caminho em busca das minas traiçoeiras muito habituais naquela zona. Chovera bastante nos dias anteriores, pelo que o terreno estava enlameado e cheio de poças de água, para mal dos picadores que viam a sua missão mais complicada e riscos acrescidos a quem ousasse pisar tal terreno.

Era meu hábito sempre que via um soldado branco em cima das primeiras viaturas da coluna, obrigá-lo a descer pelo risco que pesava sobre estas de

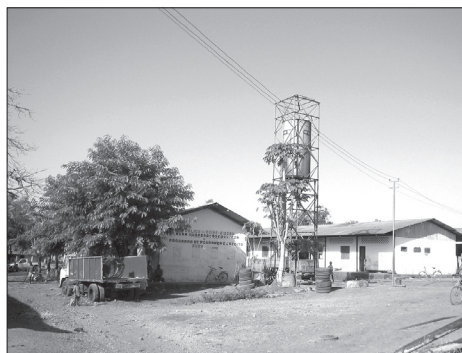


Buba 1969 – Uma coluna de Aldeia Formosa para Buba, trilhando já parte da nova estrada em construção, às portas de Buba.

poderem pisar uma mina não detectada pelos “picas”. Nesse mesmo dia obriguei o Franklin, o rádio-telegrafista de serviço, a saltar da primeira, bem contra a vontade dele. Aos africanos, normalmente civis, apenas deixava um aviso, que nunca fora, até então, correspondido.

Enquanto os “picas” iam à frente, eu seguia atrás da primeira viatura, religiosamente em cima do rodado, não fosse o diabo tecê-las.

Dá-se uma avaria numa das viaturas da retaguarda e a coluna pára por uns minutos. Os “picas” seguiram em frente, criando um espaço “limpo” de minas.



Buba – O depósito de água e uma das casernas adaptada para outras funções.

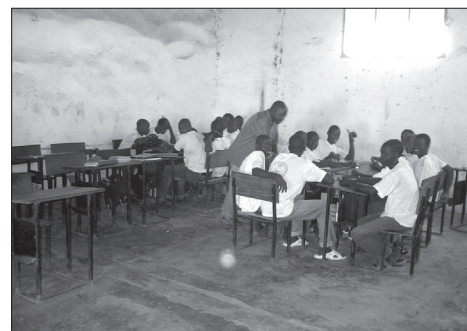
Logo que houve ordem de marcha, a coluna acelera a marcha obrigando a tropa a apressar o passo.

Para que havia eu de correr se logo ali na primeira viatura – arrebenta minas – carregada de sacos de areia e bebidas, havia lugar para mim?

Se o pensei, de imediato o fiz, sentando-me ao lado do condutor em assentos construídos de sacos de areia. Em cima da viatura seguiam quatro civis africanos, bem lá no alto.



Umhas centenas de metros à frente, já bem dentro da tristemente célebre "bolanha dos passarinhos", dei comigo a interrogar-me: tu que não deixas os teus camaradas viajarem nas viaturas da frente, vais instalado logo na rebenta minas ao lado do condutor? Este pensamento empurrou-me para o chão e lá continuei eu a correr à frente da viatura. Não andei cinquenta metros, quando ouço um grande estrondo, mesmo ali e sinto-me voar em direcção à mata. Uma chuva de projecteis não identificados



Buba 2005 – a minha caserna transformada em escola. Ali mesmo junto à porta tinha a minha tarimba.

caem em cima das minhas costas, com alguma violência. Angustiado pensei, desta não escapo, ficando a aguardar sinais de dor que teimavam em não chegar. Passei então a mão à procura de sangue quente, mas, apenas encontrei pequenas pedras e lama.

Já respirava de alívio, nesta fracção de minuto, quando vejo cair à minha frente, um, dois, três africanos, os que



2005 – Outra caserna/escola em Buba.

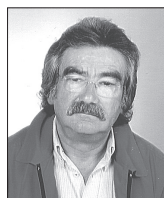
vinham lá em cima da viatura e foram projectados pelo ar. Um deles, ao levantar-se trazia o olho esquerdo pendurado. O sopro tinha-lho arrancado da órbita ocular. Estava estranhamente confuso. Pudera! Um olho a ver-lhe os pés, o outro a olhar em frente!

(Continua no próximo número)

A Menina-Jesus-Negra do seu Menino

(Conto de Natal)

Boaventura Rodrigues da Silva



...O Natal passado, Ermelinda, passaste-o na cama, a chorar, e neste, prepara o coração para que não baqueie – dizia de si para si a Mãe do soldado, em combate no Continente Africano, que não sabia para que ponto cardial ficava! Além de viúva, era analfabeta, pagava dez tostões a uma escrevedora que redigia, em aerograma, o que Ermelinda lhe ditasse. Do princípio ao fim; só lamúrias lancinantes, salvo por festejos em honra do padroeiro da terra. Todos os dias, mesmo de noite, rezava, apegando-se-lhe com fervor; não a traíssem os ossos, todos os anos, em torno da igreja, rezaria uma dezena de rosários (a joelhos nus), suplicio pelo seu querido filho e temor que a guerra lh'O roubasse!

Falar das festas, que alegria; desgarradas, zaragatas, fogo ribombante, estralejando nas alturas! Tivesse dinheiro, assim o receberia, regressado, livre do penadouro da tortura...!

Domingos, apenas com a primeira classe básica, só quando o seu escrívão Zacarias, com a terceira, estivesse de boa-maré, lhe redigia.

O Domingos, no aquartelamento, no mato, se lhe pedisse para fazer serviço de escala, pagando, não era cerimonioso, fazia e cobrava-se. Tostão a tostão, garantiam uma prenda para a Mãe; um relógio, que se orientava pelo da igreja; um roupão, alpercatas, um rádio a pilhas, mas, mais que tudo isto, queria, do fundo do coração, oferecer-lhe um quadro do martirizado, juncado de flechas, São Sebastião, por quem tinha um apego indescritível, por sua vida ter sido uma correnteza de martírios.

Domingos, semi-analfabeto, mas feliz, fazia justiça ao dito evangélico: Felizes os puros do coração, d'Eles é o Reino dos Céus! E sempre que a metralha silvava/troava, confundindo a palavra de Deus ralhada com a ignóbil estupidez humana, "inquisitoriamente risonha com a pata de besta sobre o pescoço do monetariamente fraco e desarmado de inteligência", logo descobria a cabeça, tirando o "quico", apontava-se ao Céu, e bradava: Livrai-nos da morte, Senhora Santa Bárbara Ó Virgem... «Os dias eram um ribeiro sem alma, se a fonte que lhe dá vida apenas goteja. Sua maior felicidade vinha na corneta da alvorada, pelo prazer ao estômago; leite e casqueiro, luxo que,

devido à pobreza, em casa, não se podia dar; eram côdeas secas, amolecidas numa rala cevada ou caldo de couve galega...!»

Certo dia, finais de Novembro, ouviu da boca do condutor do comandante, que o aquartelamento iria sofrer uma alteração de chefia, porque a filha do comandante, há meses, contraíra uma doença. Procuraram médicos especialistas, curandeiros e bruxos, mas nada de melhorias. Um dia; hemorragias, no outro, febre e fastio, noutros, gritos e pedidos que o Pai, com a pistola, lhe desse um tiro, acabando, assim, com o inferno da sua vida e de quem por ela, consanguineamente, padecia... «O Domingos, que sabia a história do Pires, o cozinheiro, e ficou-lhe com a namorada Negra, depois do Pires passar à peluda, a quem esta chamava de "MARIDO" e o tratou de uma maleita estranha, à base de raízes de plantas que só ela sabia, e encorajou-se falar ao comandante»

– Dá-me licença, meu comandante?

– Quem te deu autorização! Queres o quê, seu "básico"?

– Ser útil, senão a si, à sua filha, que é minha irmã, por Cristo, meu comandante...

– Não sabia que és um doutor disfarçado em soldado... e básico! Mas diz lá.

– Soube que estás na iminência de perder a sua filha, e eu creio poder valer-lhe!

O comandante, se súbito, ergueu-se da poltrona, e disse para o Domingos: Já corri tudo, se fores capaz de me curar, não só te dou o que tenho mais do que preciso como vais para casa, logo, prá beira dos teus, prá Metrópole, que é um de antipatriotismo excomungado não poder dizer Portugal, e no seu lugar se diz "Puto". Vem comigo, já, Jesus Nazareno, que é esse nome que mandarei escrever nas paredes e tapumes...

– Não sou eu, meu comandante. É a minha Preta, a Kizumba, que percebe de raízes...

– Raízes! Raio de milagreiras, que doutores e curandeiros afamados ignoram?!

– Não sei. Mas sei lá do que a minha Preta não é capaz, porque curou o Pires da...

«Foram buscar a Preta: A Preta, ao fim de oito dias, com raízes que só ela sabia, por sabedoria ancestral tribal transmitida, liminarmente, desmartirizou a menina dos olhos do comandante, Sílvia, e jamais

o Domingos, de foro militar, mexeu uma palha. Como prenda ou paga do que fez, o comandante, comprou três bilhetes de avião, com destino a Portugal, para o dia da ceia Natalícia. Às oito da manhã aterravam em solo Pátrio/Mátrio. De seguida, de comboio expresso, chegaram a casa do Domingos, já alta ía a tarde. O comandante, para fazer uma surpresa digna do nome, disse ao Domingos: Enquanto eu bato ao portão, e tua Mãe pergunta, e vem ver e falar com quem bate, "VÓS", adentra a cozinha e vereis em que espasmo ficará, com que mágoa doce vai gemer, ao ver-vos...

– Truz, truz, truz, ó da casa, ó dona Ermelinda, ó da casa... não é para pedir ou roubar!

– Quem for "cabraporta"! Se for ladrão, sai tão pobre como entra. A riqueza que tenho anda por terras de pretos, matando-os e fugindo-lhes... Esses judeus...!

A Ermelinda entreabriu o portão. Ao ver um homem alto, fardado, polido, peito farto, medalhado, ombros ornados a galões dourados, exclamou; o meu rico filho está na guerra, não fugiu dela, meu senhor! "Vomecê" vem prendê-lo, e ele não é refractário...

– Venho entregar-LHO! Está na cozinha. «A Ermelinda, ao ver o seu Domingos, suspirou: Bendito Cristo... trouxeste-me o meu menino Jesus! E perguntou ao comandante: Quem é aquela mulher? É o Pai-Natal-Preto!? Malditas chaminés! Vou lavar-lhe a cara e as mãos...

– Dona Ermelinda, aquela mulher é uma santa que sarou a minha filha... é filha de um dos reis Magos Gaspar, Baltazar ou Melchior...

– Sendo assim, não tem culpa que Deus tenha pintado uns a branco e outros a preto, pode ficar. A Ermelinda, com as raízes da Kizumba, viveu até aos 111 anos. Domingos e Kizumba foram felizes, geraram mulatinhos muito lindos, de coração tão generoso como o de JESUS, o JESUS do NATAL.

TRATAMENTO DE PERTURBAÇÃO DE STRESS PÓS-TRAUMÁTICO DE GUERRA

Disponibilização de Técnica de Psicologia Clínica, para avaliação e acompanhamento terapêutico.

Consultas, na nossa sede, por marcação e mediante a apresentação do Modelo 1 passado pelo médico de família.

ESTE SERVIÇO É GRATUITO

REUNIÕES DE TRABALHO

Considerando a nova dinâmica criada no seio da Federação Portuguesa das Associações de Combatentes (FEPAC) e as várias reuniões levadas a efeito em Tondela (ANCU), Braga (APVG), Arganil (ACCA), Mangualde (ACB) e Castelo de Paiva (ACUP) e proximamente em Vila do Conde (ASCVCU), o Sr. Director-Geral do Conselho Consultivo de Apoio aos Antigos Combatentes, convidou várias instituições, entre as quais a FEPAC, para uma reunião de trabalho, no passado dia 13 de Novembro, onde se discutiram três pontos:

- Isenção de IRS no subsídio da Lei 3/2009;
- Isenção das taxas moderadoras;
- Cartão e estatuto do combatente;
- Revisão do D.L. 50/2000 – stress de guerra.

No passado dia 23 de Novembro, as associações que compõem a FEPAC (Federação Nacional das Associações de Combatentes), compareceram numa reunião de trabalho em Lisboa, na sede da Liga dos Combatentes, onde foram recebidos pela Direcção da mesma, liderada pelo Sr. General Chito Rodrigues.

Vários pontos de interesse para os combatentes foram debatidos, salientando-se a preocupação geral do pouco tempo que nos resta de vida, a justiça das nossas reivindicações no plano social e o apelo à unidade, conducente a uma formação de Núcleos ou mesmo a filiação, na Liga, das Associações dispersas pelo País, para dar maior força à luta dos combatentes.

Assunto a ser novamente debatido nas próximas reuniões, quer no seio das Associações, como da Federação Nacional (FEPAC).

ESCOLA DE CONDUÇÃO NASCIMENTO, LDA.



- Agência de Prestação de Serviços Automóveis
- Cartas de Condução Nacionais e Estrangeiras
- Livretes - Títulos - Inspeções
- Legalização de Veículos Estrangeiros, etc.

Rua Independência da Guiné, 113 - r/c 2
4480-755 VILA DO CONDE
Telef./Fax 252 641 023

IV GALA DE FADOS



18 • NOVEMBRO • 2017

Palavras para quê? Foi mais uma noite memorável em que o envolvimento do público com o palco se converteu numa autêntica simbiose, o que ilustra o empenho, a criatividade, o rigor e o profissionalismo de uma equipa fantástica, que presta, no Auditório Municipal (AMVC), um excelente serviço a Vila do Conde, contribuindo sobremaneira para o sucesso desta nossa noite de espectáculo.

Parabéns para os camaradas Eduardo Ferreira e para o António Oliveira, que foram os mentores e obreiros responsáveis pela organização deste evento, elencado por 5 fadistas de renome, a saber: Cátia Oliveira, Eduardo Ferreira, Flávia Santos, Francisco Moreira "Kiko" e Manuel Maio; pelos exímios instrumentistas João Martins, à guitarra, e André Teixeira, à viola, que estiveram, todos eles, à altura dum público exigente e amante de fado. Pudemos também contar com a presença de 2 poetas autodidactas, o João Andrade e o José Nunes, que ajudaram a enriquecer a Gala com alguns poemas.

Queríamos aqui registar e agradecer a presença da Ex.ma Vereadora da Câmara Municipal de Vila do Conde, Dra. Dália Vieira e do Ex.mo Presidente da Junta de Freguesia, Enf.º Isaac Braga, assim como dos representantes da Polícia de Segurança Pública, da GNR, da Capitania do Porto de Vila do Conde. Contámos ainda com a gentil presença do Capitão de Abril, Leite Rodrigues.

Um merecido Bem-haja para a equipa do AMVC, composta pela Vânia Vidal, Fernando Barbosa, Gualter Lima, José Lopes e José Cruz, que esteve ao seu mais alto nível.



Natal no Parque João Paulo II

Passagem de Ano

Pista de Gelo

Natal

em Vila do Conde

2 dez '17 a 6 jan '18